

Senhora INANNA-AMA-MU, escreva em Sippar ¹

Lady INANNA-AMA-MU, scribe in Sippar

Brigitte Lion ²

Katia Pozzer ³

Anita Fattori ⁴

¹ No artigo original, Brigitte Lion adiciona a seguinte nota: “Gostaria de agradecer a Rivkah Harris, que me beneficiou com suas observações e conselhos preciosos, assim como Dominique Charpin, Cécile Michel e Ran Zadok. Meus colegas de Paris 1, que organizaram um seminário de história do gênero intitulado “Mulheres, homens, história” durante o ano universitário de 2001-2002, estão indiretamente na origem deste artigo, que também lhes sejam aqui expressos os meus agradecimentos.”

Esse artigo foi traduzido pelas três autoras que assinam essa publicação, nesse volume 39, n. 1, da Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS.

² NT: Este artigo foi publicado originalmente por Brigitte Lion, Professora de Paris 1-Panthéon Sorbonne, sob o título “DAME INANNA-AMA-MU, ESCRIBA À SIPPAR” na *Revue d’Assyriologie et d’archéologie orientale*, v. 95, n. 1, p. 7-32, 2001. A presente tradução foi autorizada pela autora, a qual gostaríamos de homenagear, na ocasião de sua aposentadoria que em breve se anuncia, por todo seu brilhantismo e sua gentileza, contribuindo na formação de tantos alunos, incluindo as tradutoras deste texto.

³ Professora Associada do Instituto de Artes e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do LEAO-Laboratório de Estudos da Antiguidade Oriental.

⁴ Pós-doutoranda do Departamento de História da Universidade de São Paulo e Jovem doutora Paris 1-Panthéon Sorbonne. Bolsista FAPESP, processo número 2025/15848-2. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e das tradutoras e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

RESUMO:

As publicações dos tabletas de Sippar nos últimos dez anos aumentaram consideravelmente o corpus de textos conhecidos. Consequentemente, o número de documentos que podem ser atribuídos a escribas mulheres também aumentou. Uma delas, Inna-ama-mu, escreveu cerca de vinte textos durante os reinados de Immerum, Buntahun-ila, Sumu-la-El e Sabium. A personalidade dessa escriba é pouco conhecida, mas suas atividades mostram que ela trabalha especialmente para as *nadītum* do Templo Šamaš.

PALAVRAS-CHAVE: Mesopotâmia; período paleobabilônico; escribas mulheres.

ABSTRACT:

The publications of the Sippar tablets during the past ten years have noticeably increased the corpus of known texts. Consequently, the number of documents that may be attributed to female scribes has also increased. One of them, Inanna-ama-mu, wrote nearly twenty texts, during the reigns of Immerum, Buntahun-ila, Sumu-la-El and Sabium. The personality of this scribe is poorly known, but her activities show that she works especially for the *nadītum* of the Šamaš Temple.

KEYWORDS: Mesopotamia; Old Babylonian period; female scribes.

Os casos comprovados de mulheres escribas no Antigo Oriente Próximo continuam sendo bastante raros. Os dois *corpora* mais abundantes datam da época paleobabilônica. Trata-se, por um lado, dos tablets de Mari, que atestam a presença de escribas mulheres no palácio⁵, e, por outro lado, dos arquivos das *naditum* de Sippar. Esses dois conjuntos de documentos têm em comum o fato de se referirem a um ambiente predominantemente feminino: as mulheres exerciam a atividade escribal sobretudo onde a presença dos homens era rara. Em outros lugares, escribas do sexo masculino atendiam às necessidades do conjunto da sociedade, homens e mulheres indistintamente. No entanto, a prática da escrita por mulheres pode ter sido mais ampla do que geralmente se admite. Além das mulheres escribas identificáveis pela documentação administrativa (Mari) ou jurídica (Sippar), outras podem ter passado despercebidas: de acordo com os costumes epistolares paleobabilônicos, por exemplo, o (ou a?) escriba nunca indica seu nome e não se exclui que certos *corpora* de cartas tenham sido redigidos por mulheres.⁶

O caso das mulheres escribas de Sippar foi estudado pela primeira vez por R. Harris, em seu estudo pioneiro consagrado a essa cidade.⁷ Em seguida, dois artigos, um da mesma autora e outro de S. A. Meier⁸, voltaram a abordar a

⁵ Ziegler (1999, p. 91-92; 106), com a bibliografia anterior.

⁶ Em Mari, é provável que muitas cartas enviadas por mulheres da corte tenham sido escritas por mulheres escribas listadas por Ziegler (1999); a escriba Šīma-ilat, que faz parte do dote de uma princesa mariota (ARMT 22, 322:58), foi sem dúvidas destinada ao mesmo trabalho. Em Sippar, as escribas parecem estar entre as *naditum* e podem ter assumido o controle da correspondência de seus companheiros. No período paleoassírio, segundo Michel (2001, p. 39), as esposas dos mercadores assírios também sabiam escrever.

⁷ Harris (1975, p. 196-197).

⁸ Harris (1990) e Meier (1991). Wilcke (2000, p. 29-33) também se referiu ao caso das mulheres escribas de Sippar e sugeriu que as mulheres alfabetizadas não eram um caso excepcional naquela cidade.

temática. No total, cerca de vinte redatoras são atualmente identificáveis nos documentos publicados e, das centenas de tabletas descobertos em Sippar, mais de quarenta foram redigidos por mulheres.⁹

Entre elas, Inanna-ama-mu é de longe a mais prolífica. Ela trabalhou durante o período mais antigo documentado em Sippar. O estudo de suas atividades, mesmo que forneça poucas informações sobre a própria escriba, oferece uma visão geral do ambiente do templo e do “claustro” (*gagûm*) de Sippar no início do período paleobabilônico.

1. Corpus

1.1. Lista de Textos

Inanna-ama-mu é autora de dezenove tabletas, dos quais sete envelopes foram encontrados.¹⁰ A descoberta dos documentos redigidos por essa mulher, durante as escavações iraquianas em Tell Abu Habbah, mostra que o corpus de textos que podemos atribuir à sua autoria está em aberto. Ele é composto provisoriamente dos seguintes textos:

tablete	envelope
al-Rawi-Dalley 113	
al-Rawi-Dalley 118 tablete	al-Rawi-Dalley 118 envelope

⁹ Uma lista de mulheres escribas de Sippar foi realizada por Harris (1963, p. 138; 1975, p. 196-197). Podemos adicionar as referências dadas por Stol (1976, p. 152); Dekiere (1994a, 1994b; 1995; 1996), bem como Al-Rawi e Dalley (2000).

¹⁰ Sobre esta escriba, cf. Harris (1962, p. 8). À lista dada por R. Harris (cf. nota precedente), Stol (1976, p. 152) adiciona três documentos: CT 47, 1, CT 48, 30 e 31. É preciso adicionar ainda CT 45, 1; L. Dekiere, MHET II/1, 17, 18, 23 e 28, MHET II/5, 743, 777 e 784; Al-Rawi e Dalley, 2000, n° 113 e n° 118.

BE 6/1, 7	
CT 2, 34	
CT 6, 42a	MHET II/1, 23 ¹¹
CT 8, 28b	CT 48, 31
CT 8, 44a	
CT 33, 42	
CT 33, 43	
CT 47, 1	
CT 48, 30	
MHET II/1, 17	CT 8, 28a
MHET II/1, 18 tablete ¹²	MHET II/1, 18 envelope ¹³
MHET II/1, 28 ¹⁴	
MHET II/5, 743	
MHET II/5, 777	
MHET II/5, 784	
Waterman Bus. Doc. 14	Waterman Bus. Doc. 14 ¹⁵

¹¹ O nome da escriba não aparece no envelope.

¹² Leia *igi* [^d*inanna-ama-mu x*] [...] e não *igi *dingir tal lik mu?* / *numun?* [...], cf. cópia Dekiere (1984a, p. 286).

¹³ Leia *igi* [^d*inanna-ama-mu x*] [...] [^x] [...], [*dumu-mí*] *a-ab-ba-[tā-bu-um]* e não *igi * dingir tal lik* [^{mu}] [^x] [...] [^x] [*igi ...*] *a-ab-ba-[...]*, cf. cópia Dekiere (1984a, p. 286).

¹⁴ A última linha do tablete (8') contém dois nomes de testemunhas, *igi ša-at-[d]a-a igi* ^d*inanna-ama-mu*, mas não há menção a um escriba, embora essas duas mulheres sejam conhecidas como tal. No entanto, atribuo a escrita do tablete à *Inanna-ama-mu*, que tem o hábito de se registrar como última testemunha (cf. § 2.2) e que redigiu o documento CT 47, 1, de formato muito semelhante ao MHET II/1, 28.

¹⁵ L. Waterman observa em sua cópia as variantes do envelope; para a borda esquerda, ele

Waterman Bus. Doc. 31	CT 45, 1
-----------------------	----------

Alguns documentos, como os contratos de locação (CT 33, 42, 43, MHET II/5, 743, 777 e 784), não estavam conservados em envelopes. Em contrapartida, os processos judiciais e as doações, por exemplo, eram colocados em envelopes.¹⁶ No entanto, em muitos casos (cf. § 2.2), apenas os tabletes foram encontrados: os envelopes se perderam, o que indica que o número real de textos redigidos por Inanna-ama-mu deve ser revisado e aumentado. E como sua carreira parece ter sido longa, nós podemos supor que ela produziu muito mais.

1.2. Proveniência

Os textos editados em Al-Rawi e Dalley (2000) foram encontrados nas escavações de Tell Abu Habbah conduzidas pela Universidade de Bagdá a partir de 1978. Eles estão conservados no Museu de Bagdá. Dos dois documentos escritos por Inanna-ama-mu, apenas o número 118 tem origem determinada: ele foi exumado em Y 108 (cf. plano III, fig. 2 e IV, fig. 4), um quarteirão situado à noroeste do templo de Šamaš, a algumas centenas de metros do santuário, formado por unidades habitacionais dificilmente identificáveis. Esse tablete foi encontrado na sala 286.¹⁷

não indica nada: devemos concluir que não há variantes e que o nome da escriba aparece exatamente como no tablete, ou que o envelope está quebrado ali? Como esse ponto não está resolvido, este envelope não é mobilizado neste estudo. Por outro lado, as impressões do selo são publicadas por Blocher (1992, p. 25-26).

¹⁶ Leemans (1982, p. 234-235). A afirmação, nº 54, sobre Sippar: “Nenhum envelope de contratos dos reinados dos reis locais foi preservado” deve ser nuançada, cf. § 2.1.

¹⁷ Para todas essas indicações, Al-Rawi e Dalley (2000, p. 3-4, 7); o número 286 não está indicado na fig. 4.

Apesar das tentativas de escavações regulares em Sippar, no final do século XIX, a maioria dos outros tablets foi encontrada pelas escavações clandestinas e posteriormente comprada por colecionadores e museus. Dessa forma, nós desconhecemos o local exato de sua descoberta, mesmo que esteja claro que foram encontradas no setor do *gagûm* de Sippar. BE 6/1, 7 provém da “Segunda Coleção Khabaza”, comprada pela Universidade da Pensilvânia em Bagdá em 1889. Os outros tablets estão conservados no Museu Britânico. Eles portam o número de inventário Bu 91-5-9 e foram adquiridos por W. Budge na região de Sippar em 1891¹⁸, exceto dois tablets que entraram no museu um pouco depois, CT 47, 1 (92-5-16) e MHET II/1, 28 (92-7-9). A proveniência dos tablets do Museu Britânico é problemática: geralmente são atribuídas ao sítio de Tell ed-Dēr (= Sippar Amnânum = Sippar de Annunîtum)¹⁹, vizinha de Tell Abu Habbah (= Sippar Yahrurum = Sippar de Šamaš) onde se encontrava o “claustro”.²⁰ É, portanto, em Tell Abu Habbah que esperamos encontrar os arquivos das *nadîtum*; essa dificuldade já foi apontada por J. Renger²¹, e não foi ainda solucionada.

2. Apresentação de Inanna-ama-mu

2.1. Situação histórica

As atividades de Inanna-ama-mu se estendem por quatro reinos. Waterman Bus. Doc. 31 e seu envelope CT 45, 1 são os únicos documentos com um nome de ano, o da ascensão de Buntahun-ila. CT 6, 42a e seu envelope

¹⁸ Leichty, Finkelstein e Walker (1988, p. XIX-XXV).

¹⁹ Cf. nota precedente, assim como C. B. F. Walker, CT 52, prefácio.

²⁰ Para esta distinção entre as duas Sippar, ver Charpin (1988).

²¹ Renger (1986, p. 98-99).

MHET II/1, 23 mencionam um *mîšarum*²² de Sumu-la-El. Com cinco exceções (os contratos de arrendamento dos campos), os textos contêm uma fórmula de juramento que dá o nome do rei regente. Aqui está a lista de documentos classificados por reinado²³:

Immerum	Waterman Bus. Doc. 14
Buntahun-ila, advento	Waterman Bus. Doc. 31 e envelope CT 45, 1
Buntahun-ila ²⁴	al-Rawi-Dalley 118 tablete (quebrado no envelope)
Sumu-la-El	al-Rawi-Dalley 113 BE 6/1, 7 CT 2, 34 (talvez após um <i>mîšarum</i>) CT 6, 42a e envelope MHET II/1, 23 (após um <i>mîšarum</i>) CT 8, 28b CT 8, 44a e envelope CT 48, 31 CT 48, 30 MHET II/1, 17 e envelope CT 8, 28a MHET II/1, 18 tablete (quebrado no envelope)
Sabium	CT 47, 1 MHET II/1, 28
Sem nome de rei	CT 33, 42 e 43 MHET II/5, 743, 777 e 784

²² NT: No período paleobabilônico o termo designa um ato destinado à correção econômica (CAD M, p. 116).

²³ NT: De acordo com Harris (1975, p. 2-10), a documentação conhecida não nos permite reconstruir a cronologia dos reis locais de Sippar aqui citados: Immerum e Buntahun-ila. Sabemos que em 1838 AEC, Sumu-la-El, rei da primeira dinastia babilônica, dominou Sippar. Em relação aos reis da primeira dinastia babilônica citados neste artigo, Sumu-abum foi rei entre 1894-1881 AEC, Sumu-la-El entre 1880-1845 AEC, Sabium entre 1884-1831 AEC, Apil-Sîn entre 1830-1813 AEC, Sîn-muballit entre 1812-1793 AEC e Samsu-iluna entre 1749-1712 AEC.

²⁴ F. N. H. al-Rawi e S. Dalley leram 1. 11-12: *bu-un,-tah-<tu>-un-il*, mas essa correção não é necessária, porque ^dInanna-ama-mu escreve esse nome *bu-un,-tah-un-i-la* em Waterman Bus. Doc. 31:24-25 (com corte no mesmo lugar) e no envelope CT 45, 1:26 (sem corte). Apenas a grafia no final do nome difere (-il em al-Rawi-Dalley 118, -i-la em Waterman Bus. Doc. 31 e CT 45, 1).

Inanna-ama-mu trabalhou durante a época em que Sippar teve reis locais independentes da dinastia babilônica, Immerum, e depois o seu sucessor Buntahun-ila.

Em Waterman Bus. Doc. 31 e seu envelope CT 45, 1, o juramento é feito por Šamaš, Marduk, Sumu-la-El e Buntahun-ila, mas R. Harris explica a menção ao deus e ao rei da Babilônia pelo fato de que uma das duas partes é babilônica.²⁵ S. Dalley e F. N. H. al-Rawi consideram, em contrapartida, que os dois soberanos podem ter tido a autoridade conjunta de Sippar.²⁶ A maioria dos tablets foi redigida durante o reinado de Samu-la-El, após Sippar passar para o controle babilônico. Por fim, CT 47, 1 e MHET II/1, 28 mostram que Inna-ama-mu sobreviveu a esse rei e continuou trabalhando sob o comando de seu sucessor.

Quanto aos cinco documentos que não incluem indicação de data, eles formam um arquivo coerente e, segundo a lista de testemunhas, são contemporâneos a outros textos do corpus (cf. § 3.5, 4.3 e 5.3).

Mesmo que os tablets não possam ser datados com anos precisos, vemos que Inna-ama-mu exerceu suas funções sob dois reis de Sippar e depois sob dois reis da Babilônia. Harris (1975, p. 289) mostrou que o período durante o qual alguns escribas exerciam suas funções poderia se estender por várias décadas, e Inanna-ama-mu aparentemente pertence a esse grupo.

2. 2. Nome, filiação, profissão

A autora dos documentos carrega um nome sumério (“Inanna é minha

²⁵ Harris (1975, p. 3, n. 9 e 10).

²⁶ Al-Rawi e Dalley (2000, p. 25).

mãe”), assim como vários escribas homens em Sippar e também várias escribas mulheres conhecidas mais tarde no palácio de Mari.²⁷ Se esse nome sumério está conectado a sua qualidade de letrada, resta saber qual o período de sua vida isso lhe foi imposto: desde a sua infância, pelos pais que já planejavam dar à filha uma educação avançada, ou mais tarde após a sua formação escribal?

Inanna-ama-mu sempre escreve seu nome da mesma forma, às vezes precedendo-o com uma cunha vertical indicativa de nome próprio. Mas ela se designa com pelo menos cinco maneiras diferentes, mais ou menos precisas:

apenas seu nome: ^{(1)d} Inanna-ama-mu	al-Rawi-Dalley 113 : 38; al-Rawi-Dalley 118 tablette : 19; CT 2, 34 : 33; CT 6, 42a : 34; CT 8, 44a : 37; CT 33, 42 : 24; MHET II/l, 28 : 8’; MHET II/5, 777 : 20; Waterman Bus. Doc. 14 : 35
--	---

nome + escriba: ^{(1)d} Inanna-ama-mu, dub-sar	BE 6/1, 7 : 22
--	----------------

nome + patronímico: ^{(1)d} Inanna-ama-mu, dumu-mí a-ab-ba- <i>ta-bu-[um]</i>	CT 45, 1 : 23-24; MHET II/5, 743 : 17-18 (?) ²⁸
---	--

nome + patronímico + escriba: ^{(1)d} Inanna-ama-mu, dumu-mí a-ab-ba- <i>ta-bu-[um]</i> , dub-sar	al-Rawi-Dalley 118 envelope: 19; CT 33, 43 : 17-19; CT 47, 1 : 22-24; CT 48, 30 : R 15-17; CT 48, 31 : R 9-11; MHET II/l, 17 : 28-29 e
---	---

²⁷ Sobre os nomes dos escribas de Sippar, cf. Harris, 1975, p. 288. Nos nomes sumérios e, às vezes, emesal das escribas mulheres de Mari, cf. Ziegler, 1999, p. 91-92.

²⁸ L. 17-18: *igi dInanna-ama-mu, dumu-mi a-ab-ba-<ta-bu-um>*. Como algo está faltando no final da l.18, podemos hesitar entre reconstituir ou não <dub-sar>.

envelope CT 8, 28a : 28-30; MHET II/5, 784

: 14-16; Waterman Bus. Doc. 31 : 43-45

nome + patronímico + escriba CT 8, 28b : 31-33

dos juízes do templo de Šamaš:

⁽¹⁾dInanna-ama-mu, dumu-mí a-
ab-ba-*tà-bu-[um]*, dub-sar di-ku⁵-
meš é ^dutu

texto incompleto, nome: MHET II/1, 18 tablete: 32

^dInanna-ama-mu [...] ²⁹

texto incompleto, nome + MHET II/1, 18 envelope: 21'-22'

patronímico: ^dInanna-ama-^lmu
x^l [...] ^lx^l [...] ³⁰, [dumu-mí] a-ab-
ba-*[tâ-bu-um]*

Quando ela indica sua profissão, Inanna-ama-mu se diz constantemente dub-sar, e nunca mí-dub-sar ou dub-sar-mí.³¹ Entre outras mulheres escribas, os dois tipos de designação, com ou sem indicação de sexo, são atestados. No caso de Inna-ama-mu, cujo nome é claramente feminino, essa clarificação pode ter parecido desnecessária, especialmente porque, quando indica sua filiação, a menção dumu-mí não deixa espaço para ambiguidade.

O fato de ela às vezes não mencionar nem seu patronímico nem sua função não é um problema, já que ela tem um nome raro e há documentos

²⁹ Propomos restituir nessa lacuna ou [dub-sar], ou o patronímico, ou ainda ambos.

³⁰ Nós deveríamos logicamente restituir aqui [dub-sar], mas esse seria o único caso em que o nome da função precederia o patronímico.

³¹ NT: mí é a marca do feminino em sumério.

suficientes onde seu patronímico, sua função ou ambos são indicados para que ela seja identificada. Além disso, sua posição no final do documento, geralmente como a última testemunha³² ou entre as últimas³³, é característico. Contudo isso sugere que pode ter havido outros textos escritos por mulheres em Sippar e que não lhes foram atribuídos, ou até mesmo mulheres escribas cujos nomes ainda não foram identificados: se elas não se deram ao trabalho de inscrever a menção *dub-sar* nos tablets que escreveram, elas poderiam se dissimular entre as testemunhas.

Nas cinco ocasiões em que podemos comparar o *tablete* e seu *envelope*³⁴, as designações variam e quatro casos diferentes podem ser observados, sem qualquer lógica ou coerência:

tablete	envelope
CT 6, 42a: apenas o nome	MHET II/1, 23: não mencionada
al-Rawi-Dalley 118: apenas o nome	al-Rawi-Dalley 118: nome, patronímico, escriba
CT 8, 44 : apenas o nome	CT 48, 31: nome, patronímico, escriba
Waterman Bus. Doc. 31: nome, patronímico, escriba	CT 45, 1: nome, patronímico, e, a partir da cópia, não há lugar para restituir “escriba”
MHET II/1, 17: nome, patronímico, escriba	CT 8, 28a: nome, patronímico, escriba dos juízes do templo de Šamaš

³² Al-Rawi-Dalley 113; al-Rawi-Dalley 118 *tabelete*; BE 6/1, 7; CT 2, 34; CT 8, 44; CT 33, 42; CT 33, 43; CT 47, 1; CT 48, 30; MHET II/1, 17 e *envelope* CT 8, 28a; MHET II/1, 18 *tablete* e talvez *envelope*, MHET II/1, 28; MHET II/5, 743, 777 e 784; Waterman Bus. Doc. 31. Em CT 28b, ela é a última testemunha antes da menção dos juízes.

³³ Ela é a penúltima testemunha no *envelope* al-Rawi-Dalley 118, CT 6, 42a e CT 45, 1. Ela é a nona testemunha de um total de onze em Waterman Bus. Doc. 14.

³⁴ Excluo da comparação Waterman Bus. Doc. 14 e seu *envelope* pela razão mencionada acima n. 15, assim como MHET II/1, 18, porque tanto *tablete* quanto o seu *envelope* estão quebrados.

Em MHET II/1, 23 Inanna-ama-mu não inscreveu seu nome; no entanto, podemos lhe atribuir a redação deste envelope, já que o tablete correspondente é conhecido. Podemos, portanto, considerar a hipótese de que haveria outros documentos escritos por ela e não localizados, por exemplo, envelopes, caso ela deixasse de inscrever seu próprio nome neles.

CT 8, 28b apresenta um caso particular. É um tablete de não-contestação (*tuppi lā ragāmim*), que termina com a seguinte menção: ^dinanna-ama-mu, dumu-mí a-ab-ba-*ṭà-bu-um* dub-sar, di-ku₅-meš é ^dutu (l. 30-32). O título de “escriba dos juízes do templo de Šamaš”, relativamente pouco atestado, é sempre dado aos homens, e surge então a questão de saber se ele se refere aqui a Abba-ṭābum ou à sua filha. R. Harris acha improvável que se aplique neste único caso a uma mulher e considera, portanto, que foi o pai de Inanna-ama-mu quem ocupou esse cargo.³⁵ De minha parte, eu acredito, todavia, que poderia ser aplicado à Inanna-ama-mu, pois acho difícil compreender por que a escriba indicaria a profissão de seu pai, que não intervém no documento; já que o tablete registra um julgamento realizado no templo de Šamaš, tal indicação seria conjuntural³⁶, sendo os juízes em questão as cinco pessoas cujos nomes aparecem no fim do documento, logo antes do de Inanna-ama-mu. Mas também pode-se objetar que Inanna-ama-mu, se for realmente ela e não seu pai, se denominaria apenas uma única vez “escriba dos juízes do templo de Šamaš”, enquanto ela escreve vários veredictos proferidos neste templo (cf. § 3.1). A discussão, portanto, permanece aberta.

³⁵ Harris, 1975, p. 129-130, cf. acima p. 130 e n. 51 e p. 285 e n. 119. R. Harris mantém esta interpretação (comunicação pessoal).

³⁶ Isso responderia parcialmente às perguntas de Harris, 1975, p. 129: “Não está claro se isso se refere a um cargo específico ou é simplesmente um título dado a qualquer escriba que desempenha essa função”, e 130: “Assim, embora consideremos que um homem possa ser um escriba dos juízes e também outro tipo de escriba, não sabemos se ele pode ocupar esses cargos de forma consecutivamente ou simultaneamente”.

Por fim, se os documentos escritos por Inanna-ama-mu quase sempre dizem respeito a transações realizadas por *nadītum*, a escriba nunca indica se ela mesma é uma *nadītum*. Os tabletes que a mencionam são aqueles que ela escreveu e que a mostram cumprindo suas funções de escriba, mas nenhum outro documento se refere às suas eventuais atividades econômicas. É tentador associá-la ao “claustro” de Sippar, pois ela trabalha para suas moradoras, mas não há até o momento prova tangível de seu status.

2.3 Selo?

Talvez conheçamos, na época de Hamurabi da Babilônia, ou seja, várias décadas após o período de atividade de Inanna-ama-mu, o selo de uma mulher escriba em Sippar, Šīma-ahatī. O selo contém a inscrição desta mulher e, de acordo com Teissier (1998), menciona a sua função.³⁷ No entanto, essa leitura não é unânime, pois para Dekiere (1994b), não há indicação de sua função de escriba, mas sim de sua qualidade de *nadītum*.³⁸

Para Inanna-ama-mu, não consegui encontrar nenhum selo. As impressões não foram publicadas sistematicamente com os envelopes correspondentes, exceto nos volumes recentes da série CT e em al-Rawi-Dalley (2000). Dekiere (1994a; 1996) menciona as inscrições nas impressões, mas não considera o caso dos selos cilíndricos anepigráficos. Blocher (1992) publicou os selos dos tabletes do Museu Britânico do início do período paleobabilônico, o que se encaixa perfeitamente com esse corpus e possibilita completar as

³⁷ Teissier (1998, p. 127-128), selo n. 29 impresso no tablete MHET II/2, 156: *ši-ma-[a -ha²]-ti*, *mí-[dub²-sar²]*, *geme²-^dutu*, *ù^da-[a]*, “Šīma-ahatī, [escriba²], serva de Šamaš e Aya”.

³⁸ Dekiere (1994b, p. 236) lê este mesmo selo *ši-ma-[a]-[ha-ti]*, *lukur^d-^dutul*, *geme²-[^dutu]*, *ù^da-[a]*, “Šīma-ahatī, *nadītum* de [Šamaš], serva de Šamaš e Aya”.

referências.

data	envelope	publicação do selo
Immerum	Waterman Bus. Doc. 14	Blocher VII, p. 25-26
Buntahun-ila	al-Rawi-Dalley 118	al-Rawi-Dalley 118
	CT 45, 1	CT 45, 1; Blocher X, p. 30-31
Sumu-la-El	CT 8, 28a	Blocher XV, p. 34-36 ; MHET II/l, p. 199
	CT 48, 31	CT 48, 31 ; Blocher XVII, p. 38-39 et pl. 2c
	MHET II/l, 18	Blocher XVI, p. 37-38 ; MHET II/l, p. 199
	MHET II/l, 23	Blocher XVI, p. 37-38 ; MHET II/l, p. 200

Nenhum dos selos inscritos é de Inna-ama-mu. Mas podemos imaginar que ela tem um dos muitos selos anepigráficos impressos nos envelopes. Blocher (1992, fig. 92) elaborou uma tabela indicando os selos que aparecem em diversos envelopes, e se Inanna-ama-mu tem um selo, podemos esperar encontrá-lo em muitos desses documentos, senão em todos. No entanto, os raros selos que aparecem várias vezes nos envelopes desse pequeno corpus são dois selos inscritos, o de Būr-Nūnu (em CT 8, 28a, CT 48, 31 e MHET II/1, 18, cf. § 5.2.1) e o de Ilī-mušallim (CT 45, 1, Waterman Bus. Doc. 14 e al-Rawi-Dalley 118, cf. § 5.3).

Em CT 45, 1, um selo anepigráfico foi impresso entre a l. 23: ^dinanna-ama-mu, e a l. 24: dumu-mí a-ab-ba-*ṭà-bu*-[um]. Ele mostra uma cena de apresentação diante de uma divindade entronizada, cercada por símbolos astrais, e um herói com seis cachos segurando um leão. Seria tentador ver nela o selo da escriba. Mas o esboço apresentado por Blocher (1992, p. 30) indica que o selo está fixado na borda inferior: a l. 23 é a última da face, e a l. 24 a primeira

do reverso. Nessas condições, qualquer testemunha poderia ter carimbado seu selo nesse espaço livre, e não necessariamente a escriba. De acordo com as cópias de al-Rawi-Dalley 118, CT 8, 28a ou CT 48, 31, e segundo as transcrições MHET II/1, 18 e 23, ela também não escreveu nas bordas inferiores desses envelopes, deixando esses espaços livres para os selos das testemunhas, como mostrado pelos diagramas apresentados por Blocher (1992, p. 25, 30, 37, 38 e 41).

Os selos femininos geralmente são bastante raros. O meio das *nadītum* não é exceção à regra, como apontou J. Renger³⁹; algumas tomam emprestado o selo de outra pessoa quando precisam.⁴⁰ Inanna-ama-mu também pode pegar emprestado o selo de um participante da transação que ela registra por escrito, ou até mesmo não selar os documentos.

2.4. Família

O pai de Inna-ama-mu se chama Abba-ṭābum. Esse nome não é muito frequente, mas existem vários homônimos.⁴¹

Um Abba-ṭābum é conhecido como escriba, por Scheil (1895, p. 30), VS 8, 1: 27 (tablete) e 2: 25 (envelope).⁴² Em ambos os casos, trata-se de vendas de terras, que não dizem particularmente respeito aos negócios das *nadītum*, já que

³⁹ No entanto, veremos um exemplo neste corpus, cf. § 5. 2. 2, mas se trata do selo da senhora Erišti-Aya, que exerce a prestigiosa função de chefe das *nadītum*.

⁴⁰ Renger (1997, p. 77 e 84, n. 45).

⁴¹ Por exemplo, um sanga de Ikunum no reinado de Apîl-Sîn, pai de Warad-Amurru, cf. Harris (1969, p. 139).

⁴² Essa referência é dada por Harris (1962, p. 8; 1963, p. 138; 1975, p. 296). Por outro lado, outra referência em Harris (1975, p. 296) me parece ser omitida: em Waterman Bus. Doc. 31, as últimas três linhas, 43-45, igi ḫinanna-ama-mu, dumu-mí a-ab-ba-ṭa-bu-um, dub-sar, devem indicar a profissão de Inanna-ama-mu, e não a de seu pai. O mesmo se aplica a CT 8, 28b (comentado por Harris, 1975, p. 129-130 e n. 51), cf., § 2, 2 e n. 32.

vendedores assim como compradores são homens. O texto publicado por V. Scheil não é datado, mas seu editor especifica que ele “certamente é do período anterior a Hamurabi”. De acordo com a fórmula do juramento, VS 8, 1 e 2 datam de Sumu-abum, cujo domínio a cidade de Sippar deve ter reconhecido por algum tempo. Quaisquer que sejam as dificuldades de uma reconstrução cronológica precisa para o período mais antigo da história de Sippar, o governo de Sumu-abum poderia ser contemporâneo aos primeiros reis: isso colocaria a atividade de Abba-ṭābum ou antes da de Inanna-ama-mu, ou na época na qual ela escreveu seus primeiros tabletes. Desse ponto de vista, não há obstáculo cronológico para torná-lo o pai de Inna-ama-mu. Se for esse o caso, isso daria uma importante indicação de sua formação profissional, adquirida em um ambiente familiar. Apesar de muitos homens, escribas ou especialistas em outras técnicas, terem aprendido seu ofício com seus pais, isso seria um caso mais raro de transmissão de pai para filha.

Inanna-ama-mu teve pelo menos uma irmã, Abaya⁴³, testemunha em Waterman Bus. Doc. 14:37-38, onde ela é mencionada logo após Inanna-ama-mu, que escreve o texto.

Em VS 8, 1 e 2, escritos por Abba-ṭābum, entre as testemunhas consta uma filha sua, Níg-Nanna. Ela poderia ser, portanto, uma outra irmã de Inna-ama-mu. No entanto, uma Níg-Nanna, escriba em Sippar, escreveu o relato de um caso de disputa entre dois homens.⁴⁴ Infelizmente, ela não informa seu patronímico. A fórmula de juramento, feita por Immerum e Sumu-la-El, faz dele um contemporâneo exato de Inna-ama-mu. Se não for uma homonímia

⁴³ Harris (1963, p. 139).

⁴⁴ Texto publicado por Van Lerberghe (1982). O fato de uma mulher escrever um tablete sobre uma disputa entre dois homens poderia ser explicado pelo fato de que a questão é resolvida pela remoção do emblema-*šurinnu* de Šamaš, e deve, portanto, dizer respeito ao contexto de E-babbar, ao qual as *nadītum* estão ligadas.

(Níg-Nanna não é um nome comum), podemos imaginar que Abba-ṭābum teria treinado não uma, mas duas filhas para se tornarem escribas!

Um filho de Abba-ṭābum, Irra-gamil, está entre as testemunhas de MHET II/1, 10:43, uma compra de campo datada do ano da ascensão de Immerum. Portanto, ele é contemporâneo de Inanna-ama-mu e Níg-Nanna, mas isso não é suficiente para conectá-lo com certeza à mesma família.

3. Atividades escribais de Inanna-ama-mu

3.1. Tipologia dos documentos

As atividades da escriba são muito variadas. De um ponto de vista tipológico, ela escreve:

- seis relatórios de processos: CT 6, 42a (+ envelope MHET II/1, 23); CT 8, 28b e CT 48, 30; al-Rawi-Dalley 113; MHET I/1, 17 (+ envelope CT 8, 28a); Waterman Bus. Doc. 31 (+ envelope CT 45, 1);
- cinco contratos de arrendamento de campos por Innabatum, *naditum* de Šamaš: CT 33, 42 e 43, MHET II/5, 743, 777 e 784;
- três atribuições de bens, notadamente campos, para mulheres, às vezes designadas como *naditum* de Šamaš: CT 47, 1, MHET II/1, 18 (tablete + envelope), MHET II/1, 28;
- uma regulação de litígio que resultou na recuperação de um campo por uma mulher: CT 2, 34;
- uma compra de terreno: CT 8, 44a (+ envelope CT 48, 31);
- uma partilha: Waterman Bus. Doc. 14 (tablete + envelope);
- uma promessa de renúncia a uma propriedade: BE 6/1, 7;
- uma compra de escravo: al-Rawi-Dalley 118 (tablete + envelope).

Esses documentos dizem respeito a uma grande variedade de pessoas, e muitas vezes as partes envolvidas aparecem apenas uma vez no conjunto de textos que Inanna-ama-mu escreveu. No entanto, alguns tablets podem ser reagrupados em pequenos dossiês, ou referir-se a casos conhecidos em outras partes do *corpus* de Sippar.

3.2. CT 8, 28b e CT 48, 30, duplicatas

CT 8, 28b e CT 48, 30 apresentam textos rigorosamente paralelos⁴⁵, datados do reinado de Sumu-la-El. Eles registraram um processo movido por Etel-pî-Šamaš, Itûr-Sîn, Utu-hegal e Bêlum, filhos de Nûr-Šamaš, contra Bêletum, sobre um conjunto de bens incluindo um campo, uma casa (ou melhor, um cômodo ou um pequeno espaço, dada a superfície, 1 sar⁴⁶), escravos homens e mulheres e diversos objetos. Um outro tablete, CT 48, 59, indica que esses quatro homens são irmãos de Belêtum. O processo aconteceu no templo de Šamaš, Belêtum presta sermão à Aya, e a queixa dos acusadores é rejeitada. O texto não está colocado exatamente da mesma forma nos dois documentos: uma parte do início da face de CT 8, o 28b parece estar na borda lateral de CT 48, 30.

É difícil compreender a necessidade de redigir este texto em duas cópias. As primeiras palavras de CT 8, 28b indicam que se trata de um *ṭuppi lā ragāmim*, “tablete da não-revindicação”⁴⁷; ele deve normalmente impedir os reclamantes,

⁴⁵ Por essa razão, Harris (1970, p. 316) assumiu que CT 48, 30 era “provavelmente o tablete de dentro de CT 8, 28b”. Dombradi (1996, p. 128; 356) pensava ao contrário, que CT 8, 28b era o tablete e CT 48, 30 o envelope. Na verdade, são dois tablets. Sou muito grata ao Padre Ran Zadok por ter sido gentil o suficiente para confirmar esse ponto durante uma estadia no Museu Britânico.

⁴⁶ NT: sar é uma unidade de medida de superfície, sendo que 1 sar equivale à 36m².

⁴⁷ Veenker, 1974.

que perderam o processo, de retornar sobre a questão. O início de CT 48, 30 está quebrado; portanto, nós não sabemos se este tablete começa do mesmo modo, e quem deveria salvaguardá-lo.

Informações complementares sobre essa família são fornecidas em CT 48, 59, um tablete pelo qual Belētum, filha de Nūr-Šamaš, lega sua propriedade à Šāt-Aya, filha de de Etel-pî-Šamaš, sua sobrinha, durante o reinado de Apîl-Sîn. Esses bens são em parte os mesmos que aqueles cujo destino foi decidido pelo processo.⁴⁸ Uma outra transação de terras é documentada: Itûr-Sîn e Bêlum venderam 5 sar de casa para seus sobrinhos Sîn-eribam e Šamaš-rîm-ilî, filhos de Etel-pî-Šamaš (BE 6/1, 9). Aqui observamos duas formas de transmitir a propriedade de terras dentro da família: de mulher para mulher em um caso, de homem para homem no outro.

3. 3. Os julgamentos contra Takûn-mātum⁴⁹

Dois documentos, Waterman Bus. Doc. 31 e CT 6, 42a (com seu envelope MHET II/1, 23) envolvem as mesmas partes: de um lado, Takûn-mātum, *nadîtum* de Šamaš, filha de Amurru e Rabbatum; de outro, Halikum, filho de Arwium e seus filhos. Takûn-mātum e sua mãe Rabbatum compraram um palmeiral de Halikum, uma compra registrada em CT 4, 50a, durante o reinado de Immerum. Essa compra é relembrada em CT 6, 42a. Segundo Waterman Bus. Doc. 31, por outro lado, foi com seu pai Amurru que Takûn-mātum a realizou. Em um primeiro momento, no ano da ascensão de Bunta-hun-ila, Halikum e sua filha Hiššatum, também *nadîtum* de Šamaš, contestam essa

⁴⁸ Sobre a questão, cf. Harris, 1970, p. 317.

⁴⁹ Esse dossiê já foi apresentado por Harris (1962, p. 11-12). Cf. também Harris, 1975, p. 240; n. 142.

compra e perdem seu processo (Waterman Bus. Doc. 31). Anos depois, durante o reinado de Sumu-la-El, o palmeiral foi novamente contestado, dessa vez por Halikum, Sumu-ramē e seus filhos. Eles continuam tendo seu pedido negado e, além disso, recebem uma punição, provavelmente por terem reaberto um caso já encerrado. Os dois registros do julgamento deveriam ter sido entregues à parte vencedora, Takūn-mātum, e mantidos em seus arquivos.

Em ambos os casos, os julgamentos ocorreram no templo de Šamaš; o envelope MHET II/1, 23 menciona, entre as testemunhas, o chefe das *nadītum* de Šamaš, Būr-Nūnu. Isso não é surpresa, já que o caso é movido contra uma *nadītum*, Takūn-mātum, e seus pais, por uma outra *nadītum*, Hiššatum, ou por seu pai e irmãos.

3. 4. CT 2, 34 e os conflitos entre Mayatum e a família de Amurrum

Em CT 2, 34, Mayatum, filha de Asaliya, “tirou” (*ušeši*) um campo, “parte” (*ha-la*) de seu pai Asaliya, de Ilšu-ibišu, filho de Bēliya. A terra em questão é vizinha de um campo em Bēliya e está localizada no *tawirtum*⁵⁰ de Amurrum. Harris (1975, p. 76) acredita que o campo de Asaliya foi injustamente tomado por seu vizinho Bēliya, e que o filho deste deve posteriormente devolvê-lo à filha de Asaliya, herdeira do campo. Finkelstein (1965, p. 237) propõe observar nessa restituição a consequência de um *mīšarum* de Sumu-la-El, já que a fórmula de juramento permite que o assunto seja colocado sob o reinado deste rei.

Durante o reinado de Sabium, Mayatum, filha de Asaliya, enfrentou outros problemas. Os documentos que os mencionam não indicam o nome de um escriba. De acordo com CT 4, 26b (e seu envelope MHET II/1, 35), ela e seu

⁵⁰ NT: *tawirtum* diz respeito às terras agrícolas irrigadas (CAD T, p. 119).

irmão Sumurah são implicados por Bēlessunu e Napsanum, os filhos de Apil-maraš, a respeito de um conjunto de vários campos, um palmeiral e pelo menos duas escravas. O litígio foi resolvido no templo de Šamaš. Os requerentes perderam o caso e a propriedade do imóvel foi confirmada aos filhos de Asaliya.

Em CT 2, 50 (e seu envelope MHET II/1, 45), no ano 12 do reinado de Sabium, Bēlessunu e Napsanum, desta vez na companhia de Mattatum, filha de Izi-darê, atacam novamente Mayatum e seu irmão Sumurah⁵¹ a respeito de campos, uma casa, escravos homens e mulheres e um palmeiral; este último é o mesmo de CT 4, 26b e, portanto, podemos assumir que todos os ativos em questão são, ao menos em parte, os mesmos de CT 4, 26b e CT 2, 50. Novamente, um julgamento no templo de Šamaš confirma os direitos de Mayatum e Sumurah, enfatizando que Bēlessunu, Napsanum e Mattatum não deverão mais reivindicar. Uma precisão suplementar é adicionada: as crianças de Amurru, homens e mulheres, não deverão registrar uma queixa contra Mayatum e Sumurah no futuro. Se “filhos” aqui indicam o sentido de “descendentes”, isso implica que os autores estão inclusos. Amurru poderia ser o pai de Apil-maraš e de Izi-darê, e, portanto, avô de Bēlessunu, Napsanum e Mattatum.

Essa menção aos descendentes de Amurru lança luz sobre um aspecto de CT 2, 34. O terreno recuperado por Mayatum está localizado no *tawirtum* de Amurru, assim chamado porque Amurru deve ter sido proprietário dele um dia, e os conflitos entre as duas famílias podem ter sido resultado de antigas disputas entre vizinhos. Em CT 2, 34, entre as testemunhas estão Napsanum, dois Bēlessunu e Takūn-mātum: Napsanum e um dos Bēlessunu são filhos de

⁵¹ O irmão e a irmã também aparecem juntos como testemunha em um fragmento de envelope, TLB 1, 230:12', que data do reino de Apil-Sîn.

Apil-maraš, Takūn-mātum é uma filha de Amurru (cf. § 3.3), talvez uma tia de Napsanum e Bēlessunu. Todos eles estão aqui provavelmente porque herdaram terras no *tawirtum* de seu pai ou avô, e por isso são vizinhos de Mayatum.

3. 5. O arrendamento dos campos de Innabatum⁵²

Inanna-ama-mu redigiu cinco contratos para Innabatum para o arrendamento de campos; nenhum deles é datado. Todos eles apresentam a mesma estrutura: Innabatum devolve um campo, cuja área da superfície era atribuída a um lavrador, que deve cultivá-la e pagar um aluguel “na porta do *gagûm*”, adicionando entregas suplementares para vários festivais. Os dados desses tablets podem ser resumidos na tabela a seguir:

texto	Superfície do campo em <i>ilku</i>	localização	trabalhador	aluguel em sila ₃	pagamentos suplementares
CT 33, 43	0.0.4	Mahana	Hattalum f. Mudadum	3.0.0.0	sim, indeterminado
MHET II/5, 784	[?]	Mahana	[...]nabalu f. [...]gamil	3.0.0.0	<i>pišanam u šah-tur</i>
CT 33, 42	0.1.1	Mahana	Sîn-iddinam f. Warad-Sîn	8.2.3.0	<i>pišanam u šah-tur</i>
MHET II/5, 743	0.0.3	Ib/Maširum	Sîn-[...] f. Napšeri[...]	2.3.2.0	<i>pišanam</i>
MHET II/5, 777	0.0.3	Ib/Maširum	Warad-Ilabrat f. Nemel-Šamaš	2.3.2.0	sim, indeterminado

Se trata de dois campos ou conjuntos de campos. Os textos MHET II/5, 743 e 777, que dizem respeito à mesma área, no mesmo local, para a qual o

⁵² Sobre esta *nadītum*, veja o dossiê reunido por Harris (1962, p. 8).

mesmo aluguel é pago, correspondem ao mesmo lote, sucessivamente atribuído a dois diferentes lavradores. O nome geográfico Ih/Maširum é desconhecido.

A terra (a-gàr) de Mahana apresenta um caso um pouco mais complexo, e é documentada por pelo menos outro tablete: segundo CT 8, 47b (tablete) // MHET II/I, 8 (envelope), Innabatum, *nadītum* de Šamaš, compra para Warattum, filho de Hapirānum, um campo de 4 *iku*⁵³ localizado neste local, vizinho de um campo de Zikilum; o juramento indica que a venda foi concluída durante o reinado de Immerum. A escritura não foi redigida por Inanna-am-mu, mas por uma de suas companheiras, Šāt-Aya, que escreve seu nome e profissão na última linha do tablete, mas não se menciona no envelope.

O contrato de arrendamento CT 33, 43, pelo qual Innabatum confia a um lavrador uma terra de 4 *iku* no mesmo território de Mahana, deve corresponder à parcela comprada por CT 8, 47b, mesmo que não seja mencionado o nome de nenhum vizinho. O campo em questão é composto por duas partes: a primeira, de 1 *iku*, está abandonada. A segunda, de 3 *iku*, é designada como KA.GAR. Em MHET 11/5, 784 a superfície se perde, mas a renda esperada, 3 gur, é a mesma que em CT 33, 43 e pode ainda ser o mesmo terreno.

Em CT 33, 42, o campo em questão, também localizado na terra de Mahana, é maior, pois cobre 7 *iku*, e o aluguel esperado é maior. Se trata, portanto, ou de um terreno incluindo o mencionado nos contratos precedentes, ou de um terreno diferente.

MHET II/I, 16, contrato de compra de um campo nas terras de Mahana, menciona Innabatum entre os vizinhos, sem que se saiba exatamente qual é o terreno. O texto data do reinado de Sumu-la-El.

As indicações cronológicas fornecidas por CT 8, 47b (tablete) // MHET

⁵³ NT: *iku* é unidade de medida de superfície, 1 *iku* equivale à 3.600m². *silas* e *gur* são unidades de medida de capacidade, 1 *silas* equivale à 1 litro e 1 *gur* são 300 litros.

II/1, 8 (envelope) e MHET II/1, 16 tendem a mostrar que os cinco contratos de arrendamento ocorrem no mesmo período que os outros documentos elaborados por Inanna-ama-mu.

Dois dos lavradores, Hattalum, filho de Mudadum, e Sîn-iddinam, filho de Warad-Sîn, também aparecem em outros textos: o primeiro é testemunha em um contrato de casamento sem data (CT 6, 26a: R9) e em uma venda de campo concluída durante o reinado de Sîn-muballiṭ (Meissner, BAP 37: 12); o segundo vende um campo durante o reinado de Sabium (CT 4, 35a: 6).⁵⁴

Os documentos CT 8, 47b (e MHET II/1, 8), CT 33, 42 e 43, MHET II/5, 743, 777 e 784 pertencem aos arquivos de Innabatum e devem ter sido preservados por ela. Esta *nadītum* recorre aos serviços de duas escribas, Inanna-ama-mu e Šāt-Aya, que atuam no contexto do *gagûm*.

4. As relações com o templo de Šamaš

O ponto comum dos textos escritos por Inanna-ama-mu é que eles dizem respeito diretamente ao meio do *gagûm* (“claustro”) de Sippar, intimamente ligado ao templo de Šamaš. Os julgamentos para os quais ela escreveu as atas tratavam dos bens das *nadītum* e foram decididos dentro do recinto do templo de Šamaš. O sanga de Šamaš assiste como testemunha não aos julgamentos, mas aos atos relacionados à transmissão de propriedades de terras.

⁵⁴ Devo essas indicações a R. Harris, que me comunicou igualmente as referências possíveis de Yarbi-El, filho de Tuqarum, uma das testemunhas de CT 33, 42: um Yarbi-El sem patronímico é testemunha da compra de uma casa durante o reinado de Sabium (BE 6/1, 13:37); um Ta(m)nanni, filho de Yarbi-El, aparece em CT 45, 12:23 (Apil-Sîn) e Waterman Bus. Doc. 42:R 13 (Sîn-muballiṭ); um Tappum, filho de Yarbi-El, compra campos em dois textos do reino de Sîn-muballiṭ (Meissner BAP 36:5 e CT 8, 16b:8).

4.1. Os litígios julgados no templo de Šamaš

Diversas fórmulas mostram que os tabletas de julgamentos escritos por Inanna-ama-mu tratam de julgamentos proferidos no templo de Šamaš.

Este é o caso dos dois julgamentos contra Takūn-mātum. Waterman Bus. Doc. 31: 10-12 especifica: *ru-gu-mu-ša, i-na* é ^dutu, *na-ás-hu*, “sua queixa, no templo de Šamaš, foi rejeitada”; CT 6, 42a: 13-15 // MHET II/1, 23: 9-11 contém uma fórmula mais desenvolvida: *da-ia-nu i-na* é ^dutu, *ar-nam i-mu-du-šu-nu-ti, ru-gu-me-šu-nu i-sú-hu-ma*, “os juízes, no templo de Šamaš, impuseram uma punição a eles e rejeitaram a queixa deles”; tablete (l. 32) e envelope (l. 28) ainda incluem a menção *di-in* é ^dutu, “julgamento do templo de Šamaš”.

Outros quatro textos de processos fornecem indicações comparativas:

Al-Rawi-Dalley 113:10-11: *ru-gu-mu-ša, i-n[a* é] ^dutu *na'-ás'-[hu]*, “sua queixa, no templo de Šamaš, foi rejeitada”. De acordo com a cópia, podemos propor ler na borda lateral, l. 35: *[di-i]n* [é] ^d[ut]u, “julgamento do templo de Šamaš”.

MHET II/1, 17:5-9 // CT 8, 28a:5-11 : *da-ia-nu i-na* é ^dutu, *a-na ni-iš* dingir *ku-nu-tum, i-di-nu-ma, ni-iš* ^da-a *be-el-ti/-ša, ku-nu-tum iz-ku-ur-ma, ru-gu-me-ša i-sú/-úh/-ma* : “Os juízes no templo de Šamaš confiaram Kunutum ao juramento pela divindade; Kunutum prestou juramento por Aya, sua soberana, e rejeitou (*sic*) a queixa dela (aquela da acusadora)”⁵⁵; MHET I/1, 17:20 // CT 8, 28a: 19: *di-in* é ^dutu, “julgamento do templo de Šamaš”.

Nos dois textos paralelos CT 8, 28b: 23 e CT 48, 30: 28' (cf. § 3.2), trata-se

⁵⁵ Como aponta Harris (1975, p. 150, n. 62), as *naditum* envolvidas nos processos judiciais e prestando juramento judicial juram por Aya, não por Šamaš. Esse costume não parece dizer respeito às outras mulheres de Sippar: MHET II/1, 78 mostra, por exemplo, uma mulher casada, Bēlessunu, que faz juramento por Šamaš na ocasião de um julgamento no templo.

de *di-in* é ^dutu, “julgamento do templo de Šamaš”. CT 48, 30: 15’-17’ apresenta a versão mais desenvolvida dos fatos: ^[d]*da-ia-nu i-na* é dingir-*ma*, [*a-na*] *ni-iš* dingir, [*be-l*]*e-tum i-di-nu-ma*, [*ni-iš*] ^[d]*a-a be-el-ti/-ša*, [*be-le*]-*tum*, [*iz-ku-u*]*r-ma*, [*ru-g*]*u-me-šu-nu i-sú-[hu]* “Os juízes, no templo da divindade, entregaram Bēletum ao juramento pela divindade. Bēletum prestou juramento por Aya, sua soberana, e eles (os juízes) rejeitaram a queixa deles”; CT 8, 28b: 17-18 resume: *da-ia-nu i-na* é ^dutu *ru-gu-me-šu-nu i-sú-hu*, “os juízes, no templo de Šamaš, rejeitaram a queixa deles”.

Os julgamentos dos casos das *nadītum*, para o início do período paleobabilônico, ocorriam no interior do templo. Para a ocasião, juízes e testemunhas devem se deslocar para entrar em E-babbar. Por outro lado, as *nadītum* envolvidas nessas questões permanecem em um ambiente que lhes é familiar, e só precisam ir do claustro ao templo, o que provavelmente não representa uma jornada muito longa, especialmente se o *gagûm* faz parte do complexo religioso.⁵⁶ O que é diferente em um período posterior, quando os julgamentos ocorreram na presença do prefeito, do chefe dos mercadores e do *kārum* de Sippar.⁵⁷ Os reclamantes devem então se dirigir às autoridades que atuam fora do templo.

A realocação dos julgamentos relativos as *nadītum* do interior do templo de Šamaš para a cidade de Sippar anda de mãos dadas com o desaparecimento das menções a mulheres escribas nos textos, sendo as últimas listadas até hoje em exercício durante o reinado de Samsu-iluna. Esse ponto poderia indicar que as mulheres escribas eram ligadas ao *gagûm*, ou até mesmo que ali viviam, e

⁵⁶ Harris (1975, p. 188): “O claustro das *nadītum* de Šamaš deveria ficar localizado dentro do complexo do templo”. O único lugar de onde um tablete escrito por Inanna-ama-mu com certeza tem proveniência, o setor V 108 (cf. § 1.2), localizado a algumas centenas de metros do E-babbar, talvez faça parte do *gagûm*.

⁵⁷ Harris, 1975, p. 60-61, 68-69, 71-73, 116-117, 258.

que, desde o momento em que os julgamentos passam a ser realizados fora do complexo do templo, não parecia desejável para as autoridades do claustro permitirem que as mulheres saíssem para registrar por escrito esses julgamentos, enquanto na cidade os homens podiam cuidar disso. Ainda nessa hipótese, o desaparecimento de menções a mulheres escribas não significa o desaparecimento dessas mulheres: não sabemos quem escrevia a correspondência das *naditum*, por exemplo, e é possível que as mulheres tenham sido responsáveis por ela durante toda a vida do *gagûm*.

4.2. Os sanga de Šamaš

Dois sanga (“administradores”) de Šamaš aparecem nesses documentos.

4.2.1. Anum-pî-Šamaš

O tablete mais antigo do grupo, Waterman Bus. Doc. 14, tem um envelope que traz a impressão de um selo inscrito com o nome de: *an-pi₄-^dutu*, *dumu ir-^den-zu*, sanga *^d[utu]*, “Anum-pî-Šamaš, filho de Warad-Sîn, sanga de [Šamaš]”, atestado como tal em outros documentos datados do reinado de Immerum.⁵⁸ No envelope, a primeira testemunha é Anum-pîšu (l. 26), certamente o mesmo personagem cujo nome aparece aqui em forma hipocorística, pois um Anum-pîšu sanga sob o reinado de Immerum também aparece como primeira testemunha em MHET II/1, 7: 21.⁵⁹

⁵⁸ Harris, 1975, p. 157.

⁵⁹ CT 48, 31 porta o selo de *^dutu-tap-pá-šu*, *ir é-babbar₂*, *dumu an-pi₄-^dutu*, que talvez seja o filho do sanga.

4. 2. 2 Lipit-Eštar

Lipit-Eštar, sanga de Šamaš, filho de Šalim-palih, é bem atestado em Sippar durante os reinados de Sumu-la-El e Sabium.⁶⁰ Ele aparece várias vezes nos textos escritos por Inanna-ama-mu, sempre como primeira testemunha, exceto no tablete CT 8, 44a, no qual ele está em quarta posição (ele é, por outro lado, a primeira testemunha no envelope correspondente):

— Em três documentos do reinado de Sumu-la-El:

— CT 2, 34: recuperação de um campo por uma mulher;

— MHET II/1, 18 (tablete e envelope): atribuição de bens a uma *nadītum* de Šamaš;

— CT 8, 44a (tablete) // CT 48, 31 (envelope): venda de terras por várias pessoas, incluindo uma *nadītum* de Šamaš;

— Em dois documentos do reinado de Sabium:

— CT 47, 1: atribuição de um campo a uma *nadītum* de Šamaš;

— MHET II/1, 28: atribuição de um campo para uma mulher.

Em dois casos, nos envelopes MHET II/1, 18 e CT 48, 31, sua função de sanga šá⁴utu é indicada.

Os textos nos quais Lipit-Eštar atua como testemunha têm como ponto comum dizer respeito aos campos das mulheres que podem ser consideradas, mesmo que nem sempre seja precisado, como *nadītum* de Šamaš. Ele supervisiona, portanto, as transações imobiliárias delas, seja adquirindo bens, como é o caso aqui de quatro textos, seja alienando como em CT 8, 44a // CT 48, 31. O sanga de Šamaš está diretamente implicado no bem-estar material das *nadītum*; ou a posse de bens imobiliários é a principal garantia da capacidade

⁶⁰ Harris, 1975, p. 157; Stol, 1976, p. 151.

econômica delas para garantir sua própria subsistência. Pelo menos um século após o período de atividade de Inanna-ama-mu, o decreto de Samsu-iluna obrigando as famílias das *nadītum* de Šamaš a dotá-las ainda testemunha isso e, entre os destinatários deste decreto, sempre estão os sanga, mesmo que as autoridades municipais, o *kārum* e os juízes, cujo papel foi gradualmente se desenvolvendo, sejam mencionados antes deles.⁶¹

Quando essas mulheres recebem bens, as situações parecem bastante diversas. Um texto como MHET II/1, 18, no qual Nusku-la-šanān e Ningal-tallak dão um campo e um escravo para Munawwirtum, pode sugerir a atribuição de dote a uma *nadītum* por seus pais. Mas em MHET II/1, 28, é uma mulher, Damiqtum, quem dá um campo a Erištum, filha de Warad-ilišu, e pode se tratar de uma doação entre duas *nadītum*, sem que o texto permita estabelecer se elas pertencem ou não à mesma família. Em CT 47, 1, dois homens, Ubar-Šamaš, filho de Nūrya, e Šin-rimenī, entregam um campo a Bēlessunu, e novamente não sabemos se existem laços de parentesco entre essas pessoas. Sobre CT 2, 34, cf. §3.4.

Na venda de terras registrada em CT 8, 44a // CT 48, 31, a *nadītum* Nakulatum, filha de Ilī-aptan, é apenas uma das vendedoras: ela aliena 4 sar de terra (ki-bur-bal), conjuntamente com Yahusātum, esposa de Ilī-aptan, sua mãe ou sogra; Haliyaum, filho de Yawum, vende 3 sar, vizinho de um terreno de Ilī-aptan, provavelmente, portanto, no mesmo setor. O comprador do conjunto é Išme-Šin.

⁶¹ Janssen, 1991.

4.3. Damu-galzu e Šamaš-ENGUR.A-niši

Damu-galzu é testemunha em muitos textos do corpus, como Waterman Bus. Doc. 14 (reinado de Immerum), CT 8, 44a // CT 48, 31 (reinado de Sumu-la-El), CT 33, 43 (sem data). Ele aparece frequentemente na companhia de outro personagem, Šamaš-ENGUR.A-niši⁶²: esse é o caso em Waterman Bus. Doc. 31 // CT 45, 1 (ascensão de Buntahun-ila), al-Rawi-Dalley 118 tablete e envelope (reinado de Buntahun-ila), al-Rawi-Dalley 113 (reinado de Sumu-la-El). Esses textos estão entre os mais antigos do corpus. A isso devem ser acrescentados quatro arrendamentos de campos de Innabatum, sem data: CT 33, 42, MHET II/5, 743, 777 e 784.

R. Harris propôs que Damu-galzu fosse visto como um “varredor do E-babbar”, de acordo com a impressão de seu selo no fragmento TCL 1, 186: *da-mu-gal-zu, kisal-luh é-babbar₂-ra, ìr d^autu d^a-a*.⁶³ Seja porque há homônimos, seja porque essa pessoa ocupou duas funções sucessivamente, L. Dekiere, MHET II/1, 7, lê a profissão de Damu-galzu rá-gaba šá é d^autu, “mensageiro do templo de Šamaš”. Al-Rawi e Dalley 2000: 120 mencionam, aparentemente para esse mesmo tablete, uma colação de C. B. F. Walker, que lê rá-gaba 20 šá d^autu. Ou em CT 45, 1, no envelope, abaixo da menção igi d^ada-mu-gal-zu l. 19, e depois igi d^autu-ENGUR.A-ni-ši no início da l. 20, essa linha continua assim: igi rá-gaba 30 šá d^autu. Essa menção remeteria a Damu-galzu, citado logo acima, a Šamaš-ENGUR.A-niši, citado logo antes (como pensa Walker, 1978, p. 236), ou a uma terceira pessoa? Para Šamaš-ENGUR.A-niši, ainda não conhecemos nenhuma função específica.

⁶² Sobre este personagem, cujo nome é escrito de diversas maneiras, cf. Walker, 1978, p. 236.

⁶³ Harris, 1975, p. 164 e n. 60. TCL 1, 186, pequeno fragmento que comporta quase que apenas a impressão do selo, é dificilmente datável.

5. O contexto do *gagûm* (“claustro”) de Sippar

5.1 Os negócios das *nadîtum*

Os textos escritos por Inanna-ama-mu sempre dizem respeito a mulheres. Às vezes, elas são claramente designadas como *nadîtum*: esse é o caso de Innahatum, para quem ela escreve cinco contratos de arrendamento e quem deve receber seus aluguéis na porta do *gagûm* (cf. § 3.5), de Takûn-mātum (cf. § 3.3), ou de Hanbatum (BE 6/1, 7), que recebe um campo. Às vezes sua importância não é mencionada, mas o seu pertencimento ao pessoal religioso do “claustro” pode ser deduzido a partir de vários indícios: o julgamento que as envolve no templo de Šamaš (cf. acima § 4.1), ou a presença do sanga de Šamaš entre as testemunhas de suas transações imobiliárias (cf. § 4.2). Além disso, entre as testemunhas, frequentemente figuram membros da administração do *gagûm*, a começar pelo chefe das *nadîtum*.

5.2. Os chefes do *nadîtum*

Harris (1975, p. 189-193) estudou essa função e deu uma lista de pessoas que a ocuparam. A esta podemos acrescentar Būr-Nūnu, filho de Imlik-Sîn, testemunha em vários textos escritos por Inanna-ama-mu, e também bem atestado em outros documentos de MHET II/1, bem como sua irmã Erišti-Aya: no período mais antigo da história paleobabilônica de Sippar, mulheres bem como homens podiam de fato ocupar essa posição prestigiosa.

5.2.1. Būr-Nūnu, filho de Imlik-Sîn

Ele está representado neste corpus, durante o reinado de Sumu-la-El,

pelos tabletes:

- a recuperação de campo CT 2, 34;
- a doação de bens móveis e imóveis MHET II/1, 18 (tablete e envelope);
- o processo MHET II/1, 23 (envelope, mas não aparece no tablete correspondente CT 6, 42a);
- a compra de terras CT 8, 44a (tablete) // CT 48, 31 (envelope).

Durante o reinado de Sabium, ele continua ativo, pois é testemunha de duas doações de campo CT 47, I e MHET II/1, 28.⁶⁴

Estes são exatamente os textos em que o sanga Lipit-Eštar aparece: as cinco transações implicam terras de *nadītum*, às quais se adiciona o processo MHET II/1, 23. Quando o sanga é a primeira testemunha, Būr-Nūnu aparece logo depois dele, em segundo lugar⁶⁵, em CT 2, 34, MHET II/1, 18, tablete e envelope, CT 48, 31, CT 47, 1 e MHET II/1, 28. No tablete CT 8, 44a, ele é a primeira testemunha, Lipit-Eštar aparece apenas em quarta posição. No envelope MHET II/1, 23, ele é, ao contrário, mencionado ao final da lista, após os jurados, e Lipit-Eštar está ausente.

Entre esses textos, vários especificam a função de Būr-Nūnu como chefe das *nadītum*: os envelopes MHET II/1, 18 (ugula lukur šá ^dutu) e MHET II/1, 23 (ugula lukur [^dutu]-hi-a), mas não os tabletes correspondentes. O tablete CT 8, 44a refere-se a ele como ugula nin'-dingir' šá ^dutu, "chefe das sacerdotisas de Šamaš"⁶⁶; o envelope CT 48, 31 está quebrado na passagem correspondente (l. 17': igi bur-nu-nu ugu [la nin-dingir šá] ^dutu).

⁶⁴ Linha 14 deve ser lida *bur-nu-nu* em vez de *ku-nu-nu*.

⁶⁵ Fenômeno notado por Harris (1975, p. 189): "A importância do cargo é indicada pelo fato de que o supervisor segue imediatamente o sanga de Šamaš na sequência das testemunhas das transações das *nadītum*".

⁶⁶ Harris, 1975, p. 314 e n. 29 retifica Harris, 1962, p. 8 e n. 23 e Harris, 1963, p. 140-141.

Seu selo é impresso em vários envelopes⁶⁷; se trata de um selo inscrito, o que facilita sua identificação. O texto, segundo as impressões em CT 8, 28a e MHET II/1, 18, é o seguinte: *bur-nu-nu*, ugula nin-dingir ^dutu, dumu *im-lik*-^den-zu, ìr é-babbar, “Bur-Nunu, chefe das sacerdotisas de Šamaš, filho de Imlik-Sîn, servo de E-babbar”. Portanto, provavelmente é necessário completar e corrigir a legenda indicada por CT 48, 31: “*bur-nu-nu*, ugula nin-dingir ^dutu, dumu *im-lik*-^dIM”; a última linha da inscrição, ìr é-babbar, pode não ter aparecido na impressão, e o nome do pai certamente deve ser lido como *im-lik*-^den-zu; Blocher (1992, p. 38) indica que é o mesmo selo de CT 8, 28a e MHET II/1, 18.

Se entendermos nin-dingir = *ugbabtum*, Būr-Nūnu teria sido responsável pelas *ugbabtum*, em uma primeira fase quando CT 8, 44a é redigido e quando seu selo está impresso, antes de se tornar chefe das *nadītum*, título que ele carrega em MHET II/1, 18 e 23, mantendo-o quando sela MHET II/1, 18 um selo referindo-se à sua função anterior. Não seria também possível entender nin-dingir como “sacerdotisas” ou “mulheres consagradas”, termos se referindo às *nadītum*? Neste caso, conforme proposto por R. Harris, os dois títulos de chefe das nin-dingir e chefe das *nadītum* seriam intercambiáveis.⁶⁸

O envelope CT 8, 28a carrega o selo de Būr-Nūnu mesmo que ele não apareça na lista de testemunhas, nem no tablete correspondente MHET II/17. Sem essa impressão, não seria possível saber que ele assistiu ao julgamento. Tal situação evidencia o quão lamentável é o fato de que a publicação das impressões dos selos não acompanhou sistematicamente a do texto dos envelopes, já que as informações fornecidas por esses dois modos de expressão são frequentemente complementares.

⁶⁷ Para as impressões de selos sob os envelopes, cf. 2.3.

⁶⁸ Harris, 1975, p. 313-314.

5.2.2. Erišti-Aya, filha de Imlik-Sîn

Entre as testemunhas do processo al-Rawi-Dalley 113, datado do reinado de Sumu-la-El, estão Imlik-Sîn (l. 23-24), filho de Būr-Aya, e Erišti-Aya (l. 30), sem qualquer outra indicação sobre essas pessoas. S. Dalley e F. N. H. al-Rawi propõem que Erišti-Aya “talvez seja a ugula *ša nadītum* em BM 92539”, este último texto havia sido publicado por Walker (1978, p. 235-236).⁶⁹ No entanto, no envelope do MHET II/1, 18, está gravado o selo de *e-ri-^liš-ti-da-^da^l*, *dumu-mi im-lik-^den-zu*, gême² *^da-a ka-la-tim*, ugula X lukur *ša^dutu*, “Erišti-Aya, filha de Imlik-Sîn, serva de Aya, esposa (de Šamaš), chefe [x] das *nadītum* de Šamaš”.⁷⁰ Aqui novamente, Erišti-Aya, mesmo tendo gravado seu selo, não está registrada na lista de testemunhas, nem sobre o tablete nem sobre o envelope, contrariamente à Būr-Nūnu que, testemunha no tablete e no envelope, gravou seu selo.

O fato de uma mulher ser a chefe das *nadītum* é bastante comum para o período mais antigo do claustro de Sippar.⁷¹

5. 2. 3. Família de Imlik-Sîn

Podemos estabelecer as seguintes relações familiares: Imlik-Sîn, provavelmente filho de Būr-Aya, é pai de Būr-Nūnu e Erišti-Aya, que foram ambos chefes das *nadītum*. Eles podem ter sido ao mesmo tempo, porque Harris (1975, p. 189) observou que várias pessoas poderiam simultaneamente carregar esse título. O envelope MHET II/1, 18 traz os selos do irmão e da irmã, que os

⁶⁹ Renger, 1967, p. 157 n. 133 já identificou esta mulher como chefe das *nadītum*.

⁷⁰ Para o selo de Erišti-Aya, cf. Blocher, 1992, p. 38 n. 78 e Dekiere, 1994a, p. 1999.

⁷¹ Harris, 1975, p. 189-1991.

designam assim, mas com títulos ligeiramente diferentes.

Posteriormente, de acordo com o tablete referenciado por Harris (1975, p. 190-191), Ilabrat-bāni, filho de Būr-Nūnu, foi chefe das *naditum* durante os reinados de Sabium e Apil-Sîn.⁷² Um certo Ilabrat-bāni aparece como testemunha em CT 47, 1, escrito durante o reinado de Sabium, com Būr-Nūnu aparecendo um pouco antes na mesma lista; pode ser o pai e seu filho, já associado aos assuntos do claustro. Nin-šubur-mansum, filho de Ilabrat-bāni, de acordo com MHET II/1, 107: 23, é chefe das *naditum* durante Sîn-muballiṭ.⁷³ A função é, portanto, transmitida dentro da mesma família por pelo menos três gerações.

5. 3. Os porteiros do claustro

Harris (1976, p. 193-196) apresenta uma lista dos porteiros (î-du₈) do claustro de Sippar. Três homens que ocupam essa função aparecem como testemunhas nos textos escritos por Inanna-ama-mu; ao contrário do sanga de Šamaš e do chefe das *naditum*, eles não ocupam um lugar hierarquicamente definido na lista de testemunhas.

O mais antigo atestado é Ilī-mušallim, testemunha em Waterman Bus. Doc. 14 (reinado de Immerum), Bus. Doc. 31 // CT 45, 1 (ascensão de Buntahun-ila), al-Rawi-Dalley 118 tablete e envelope (reinado de Buntahun-ila); Harris

⁷² Às referências dadas por R. Harris, podemos adicionar, entre outras, as dadas por Dekiere, 1994a, p. 224.

⁷³ Mas Harris (1963, p. 133-134;141) menciona também um certo Nin-šubur-mansum, filho de Būr-Nūnu e chefe das *naditum*, que aparece em Ballerini (1908-1909, p. 539-563). Se trata de um envelope, em que o texto consigna a compra de um campo por uma *naditum* de Šamaš. De acordo com o juramento, o negócio é concluído durante o reinado de Sîn-muballiṭ. Nin-šubur-mansum, chefe das *naditum*, é testemunha na linha 23, seu selo precisa que ele é filho de Būr-Nūnu. É preciso, portanto, supor dois homônimos ocupando a mesma função no mesmo período, um sendo o sobrinho do outro.

(1976, p. 216) aponta que ele ainda ocupa a função durante o reinado de Sumu-la-El. Seu selo está gravado nos envelopes CT 45, 1 e Waterman Bus. Doc. 30. Ele traz a legenda: dingir-*mu-ša-lim*, ì-dus, ká *ga-gu-um* (sic), “Ilī-mušallim, porteiro da porta do claustro”. O selo do envelope al-Rawi-Dalley 118 é provavelmente o mesmo.⁷⁴

Amurrum-bāni, filho de Ilī-mušallim, teve que suceder seu pai em sua função. Atestado durante o reinado de Sumu-la-El em al-Rawi-Dalley 113, CT 2, 34, CT 8, 44a // CT 48, 31⁷⁵, MHET II/1, 18 tablete e envelope, e durante Sabium em CT 47, 1 e MHET II/1, 28, também é encontrado em quatro das locações de campo de Innabatum, sem data, CT 33, 42 e 43, MHET II/5, 743 e 784. Seu selo inscrito está gravado no envelope CT 48, 31: ^dmar-tu-*ba-ni*, dumu dingir-*mu-ša-lim*, ì-dus, šá é *ga-gi-im*, “Amurrum-bāni, filho de Ilī-mušallim, porteiro do claustro”.

De acordo com Harris (1975, p. 216), Idadum, é porteiro do claustro desde o reinado de Sumu-la-El até o de Sîn-muballit. No corpus dos textos escritos por Inanna-ama-mu, ele aparece apenas duas vezes, nos textos do reinado de Sumu-la-El, CT 2, 34 e MHET II/1, 18 tablete e envelopes, no qual outro porteiro, Amurrum-bāni, também é testemunha. O envelope MHET II/1, 18 indica sua profissão, ì-dus, “porteiro”. Ele também carrega o traço de um selo inscrito, cujos únicos sinais legíveis são i-dus⁷⁶; ele deve corresponder ou ao seu selo ou ao de Amurrum-bāni, testemunha no mesmo texto.

Compararemos os porteiros do *gagûm* aos dos apartamentos das mulheres no palácio de Mari. Eles têm o mesmo papel, controlar o acesso a um ambiente feminino relativamente fechado. A diferença é que em Mari existem

⁷⁴ É preciso corrigir a leitura proposta por Al-Rawi e Dalley (2000, p. 126), ì-dus, é lugal [gú²-dus²-a], “porteiro do templo de Lugal-Gudua”.

⁷⁵ Essa referência foi notada por Stol, 1976, p. 150.

⁷⁶ Blocher, 1992, p. 37, n. 76 e Dekiere, 1994a, p. 199.

duas categorias de porteiros, homens e mulheres, os primeiros supervisionando o claustro de fora e as segundas de dentro.⁷⁷ Tal divisão de tarefas não é encontrada em Sippar, onde os porteiros são apenas homens.

6. Conclusão

Harris (1963, p. 138) observou, em relação aos escribas de Sippar: “Muito pouco se sabe sobre essas escribas.” Desde então, em grande parte graças aos estudos da própria R. Harris, sabemos mais informações: cada vez mais nomes de escribas mulheres são conhecidos, e o corpus de textos que elas escreveram está aumentando aos poucos, não apenas por causa da publicação de novos documentos, mas também porque reconhecemos tabletes que inicialmente não lhes eram atribuídos.

O caso de Inanna-ama-mu é obviamente o mais interessante de estudar porque, comparado às suas companheiras, que escreveram apenas um texto, às vezes dois ou três nos melhores casos, ela produziu um corpus considerável de tabletes. Muitos escribas homens deixaram vestígios muito mais tênues.

Suas atividades confirmam que ela praticava sua profissão no contexto do claustro e do templo de Šamaš, colocando seus talentos a serviço das *naditum*. No entanto, ela não atuou em um ambiente exclusivamente feminino. Além dos funcionários masculinos do templo e do claustro, ela provavelmente conheceu os homens com quem as *naditum* celebravam contratos, quer se tratasse de lavradores a quem confiavam seus campos, de compradores ou vendedores no quadro das transações econômicas, de requerentes e juízes nos processos. Ela pode até mesmo ter sido chamada uma vez de “escriba dos juízes” e frequentemente ocupou essa função sem se dar o título exato.

⁷⁷ Ziegler, 1999, p. 32; 110-116.

No entanto, não são apenas as mulheres que colocam por escrito os assuntos envolvendo as *nadītum*. Podemos dar como exemplo MHET II/1, 30, uma adoção de uma mulher por outra, que possivelmente diz respeito a duas *nadītum*; porém, o tablete parece ter sido escrito por um homem, [Nanna-azi]da. Os processos julgados no E-babbar, mesmo que envolvam as *nadītum*, também podem ser registrados por homens: é o caso do MHET II/1, 77, redigido por Iddin-Sîn, durante o reinado de Apîl-Sîn, portanto ligeiramente posterior ao período de atividade de Inanna-ama-mu. Todavia, muitos textos sobre as *nadītum*, sejam eles ou não processos, não mencionam nenhum escriba. Nesse caso, ainda há espaço para dúvida: o (a) escriba pode estar entre as testemunhas, ou até mesmo não aparecer se ele ou ela omitir até mesmo seu nome. Neste último caso, poderia ser tanto mulheres quanto homens, pelo menos para o período paleobabilônico inicial.

Podemos supor que Inanna-ama-mu aprendeu seu ofício em um contexto familiar. Por outro lado, não sabemos se o mesmo se aplica às outras escribas de Sippar. Se Inna-ama-mu e outras escribas, como sua contemporânea Šāt-Aya, estão presentes no *gagûm* durante o período mais antigo documentado da história de Sippar, também podemos imaginar que elas tiveram um papel na formação das mulheres, mesmo se isso resta até o momento como uma simples hipótese. Scheil (1902)⁷⁸ menciona uma casa em Sippar localizada “em frente e na proximidade do templo”, que servia como escola, de acordo com o abundante material escolar que foi exumado ali; ela testemunha a intensidade da vida intelectual nesta cidade, o que não é nada surpreendente, dado o número de tabletas encontrados. As mulheres foram parte ativa desse processo, ao menos no início da época paleobabilônica e, por décadas após a morte de

⁷⁸ Capítulo III intitulado “A escola em Sippar”, p. 30-54; citação p. 33. Cf. Também Harris, 1975, p. 164.

Inna-ama-mu, muitas de suas companheiras continuaram a trabalhar na função de escribas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-RAWI, F. N. H.; DALLEY, S. **Old Babylonian texts from private houses at Abu Habbah (ancient Sippar)**. Londres, 2000.

BALLERINI, F. **Antichità assiro-babilonesi nel Museo civico di Como**. RSO, v. 2, p. 535–571, 1908–1909.

BLOCHER, F. **Siegelabrollungen auf frühaltbabylonischen Tontafeln im British Museum**. München: MVS X, 1992.

CHARPIN, D. **Sippar: deux villes jumelles**. RA, v. 82, p. 13–32, 1988.

DEKIERE, L. **Old Babylonian real estate documents: pre-Hammurabi documents**. Gand: MHET II/1, 1994a.

_____. **Old Babylonian real estate documents: documents from the reign of Hammurabi**. Gand: MHET II/2, 1994b.

_____. **Old Babylonian real estate documents: documents from the reign of Samsu-iluna**. Gand: MHET II/3, 1995.

_____. **Old Babylonian real estate documents: documents without date or with date lost**. Gand: MHET II/5, 1996.

DOMBRADI, E. **Die Darstellung des Rechtsaustrags in den altbabylonischen Prozessurkunden**. Stuttgart: FAOS 20/2, 1996.

FINKELSTEIN, J. J. **Some new *misharum* material and its implications**. AS, v. 16, p. 233–251, 1965.

HARRIS, R. **Biographical notes on the nadītu women of Sippar**. JCS, v. 16, p.

1–12, 1962.

_____. **The organization and administration of the cloister in ancient Babylonia.** JESHO, v. 6, p. 121–157, 1963.

_____. **Notes on the Babylonian cloister and hearth.** Orientalia, v. 38, p. 133–145, 1969.

_____. **Compte rendu de CT 48.** JESHO, v. 13, p. 315–318, 1970.

_____. **Ancient Sippar: a demographic study of an Old Babylonian city (1894–1595 BC).** Istanbul, 1975.

_____. **The female “sage” in Mesopotamian literature.** In: GAMMIER, J. G.; PERDUE, L. G. (eds.). *The sage in Israel and in the ancient Near East.* Winona Lake, 1990, p. 3–17.

JANSSEN, C. **Samsu-iluna and the hungry nadītums.** NAPR, v. 5, p. 3–40, 1991.

LEEMANS, W. F. **La fonction des sceaux, apposés à des contrats vieux-babyloniens.** In: VAN DRIEL, G. et al. (eds.). *Zikir Šumim: assyriological studies presented to F. R. Kraus on the occasion of his seventieth birthday.* Leiden, 1982, p. 219–244.

LEICHTY, E.; FINKELSTEIN, J. J.; WALKER, C. B. F. **Catalogue of the Babylonian tablets in the British Museum.** Vol. VIII: Tablets from Sippar 3. Londres, 1988.

MEIER, S. A. **Women and communication in the ancient Near East.** JAOS, v. 111, p. 540–547, 1991.

MICHEL, C. **Correspondance des marchands de Kanish.** Paris, 2001.

RENGER, J. **Untersuchungen zum Priestertum in der altbabylonischen Zeit.** 1. Teil. ZA, v. 58, p. 110–188, 1967.

_____. **Legal aspects of sealing in ancient Mesopotamia.** In: GIBSON, M.; BIGGS, R. D. (eds.). *Seals and sealings in the ancient Near East*. Malibu: Bibliotheca Mesopotamica 6, 1977, p. 75–88.

RENGER, J. **Zu den altbabylonischen Archiven aus Sippar.** In: VEENHOF, K. R. (ed.). *Cuneiform archives and libraries: 30e RAI* (Leiden, 1983). Istanbul, 1986, p. 96–105.

SCHEIL, V. **Notes d'épigraphie et d'archéologie assyriennes.** *Recueil de travaux*, v. 17, p. 27–41, 1895.

SCHEIL, V. **Une saison de fouilles à Sippar.** Le Caire, 1902.

STOL, M. **On ancient Sippar.** *BiOr*, v. 33, p. 146–154, 1976.

TEISSIER, B. **Sealings and seals: seal-impressions from the reign of Hammurabi on tablets from Sippar in the British Museum.** *Iraq*, v. 60, p. 109–186, 1998.

VAN LERBERGHE, K. **L'arrachement de l'emblème Surinnum.** In: VAN DRIEL, G. et al. (eds.). *Zikir Šumim: assyriological studies presented to F. R. Kraus on the occasion of his seventieth birthday*. Leiden, 1982, p. 245–257.

VEENKER, R. A. An Old Babylonian legal procedure for appeal: evidence from the *tuppi lā ragāmim*. *HUCA*, v. 45, p. 1–15, 1974.

WALKER, C. B. F. **Texts and fragments.** *JCS*, v. 30, p. 234–250, 1978.

WILCKE, C. **Wer las und schrieb in Babylonien und Assyrien: Überlegungen zur Literalität im alten Zweistromland.** München, 2000.

ZIEGLER, N. **Le harem de Zimrî-Lîm.** Paris: FM IV = Mémoires de NABU 5, 1999.